

Sektion/ Seção 8

Leitung/coordenação:

Rolf Kemmler (Vila Real) / Barbara Schäfer-Prieß (München)

kemmler@utad.pt

barbara.schaefer@romanistik.uni-muenchen.de

Entdeckungen und Utopien: Die Vielfalt der portugiesischsprachigen Länder

Diese Sektion ist den historisch ausgerichteten sprachwissenschaftlichen Disziplinen der Sprachgeschichte und der Sprachwissenschaftsgeschichte gewidmet und soll Forscher dieser anscheinend so nahen aber zugleich so unterschiedlichen Bereiche zusammenbringen. Dabei bleibt offensichtlich, dass sowohl die jahrhunderte alte Disziplin der portugiesischen Sprachgeschichte (die immerhin auf Vorläufer aus dem 16. Jahrhundert wie Fernão de Oliveira oder Duarte Nunes de Leão zurückblicken kann) wie auch die relativ junge Disziplin der Sprachwissenschaftsgeschichte (die sich nach ihrem Beginn im Jahr 1823 in der lusophonen Welt erst ab den 1990-er Jahren des 20. Jahrhunderts wirklich begann, sich zu etablieren), die Perspektiven der Utopien und der Entdeckungen teilen.

In der Sprachgeschichte, die seit Anbeginn ein Nebeninteresse der Grammatiker des 16. Jahrhunderts war, sind es vor allem die Utopien des Ursprungs der Sprache und des Etymons eines jeden Wortes, die mit den möglichen (oder eher wahrscheinlichen) Realitäten koexistieren, die vor allem seit Aufkommen der historisch-vergleichenden Methode in dem Maß dieser Vorstellungswelt hinzugefügt wurden, wie neue Entdeckungen gemacht oder neue Vermutungen angestellt wurden. Gleichfalls utopisch ist die Annahme, dass wir heute zu dieser Disziplin nichts Neues mehr beitragen können. Unter Anderem vermag uns die sorgfältigere und erklärtermaßen mehr linguistisch orientierte Untersuchung der überlieferten Quellen ermöglichen, ein Urteil über die Vermutungen unserer Vorgänger zu bilden, die in den Handbüchern enthalten sind und von denen wir auch heute noch die Utopie aufrechterhalten, sie seien ebenso zutreffend wie zuverlässig.

Die junge Disziplin der Sprachwissenschaftsgeschichte muss nicht mit der Utopie einer reichen Vergangenheit umgehen, in der 'alle Forschungen' durchgeführt wurden, denn sie stößt bei jedem Schritt auf Entdeckungen und Neuigkeiten, da selbst die exponentielle Zunahme der letzten Jahre nicht dazu geführt hat, dass mehr als ein geringster Teil der sprachwissenschaftlichen Traktate untersucht worden ist. Zu dieser Unmenge an künftigen Entdeckungen kommt dann noch die Perspektive der Utopie der Absichten, die die entsprechenden Autoren zur Abfassung ihrer Werke motiviert haben. In diesem Sinn wurde die Vorstellungswelt der Grammatiker oder der Orthographen durch die Utopien der Norm und der Anwendung der Werke im Unterricht, oder gar die des Unterrichts der Volkssprache zu einer Zeit des Vorherrschens des Lateins gekennzeichnet.

Die Begriffe der Entdeckungen und Utopien koexistieren also in den beiden auf diachrone Aspekte der portugiesischen Sprache ausgerichteten Nachbardisziplinen,

weshalb im Rahmen dieser Sektion ein Austausch vorgeschlagen wird. Daneben und unter Berücksichtigung, dass diese Frage zum materiellen Aspekt des Hauptthemas der Sektion gehört, wird weiterhin vorgeschlagen:

Untersektion: Die Rolle handschriftlicher Quellen bei Arbeiten zur Sprachgeschichte und Sprachwissenschaftsgeschichte

In dieser Untersektion beabsichtigen wir in Form von Vorträgen oder runden Tischen zu untersuchen, auf welche Weise handschriftliche Quellen aus lusophonen Bibliotheken und Archiven als Quelle oder Corpus für Arbeiten in den diachron ausgerichteten sprachwissenschaftlichen Disziplinen nützlich sind und sein können. Unter vielen anderen Fragen bieten sich für die Diskussion in dieser Untersektion beispielsweise folgende Themen an:

- *Kann es sein, dass die Paläographie als ehemalige Hilfsdisziplin der Geschichtswissenschaft uns alle Antworten bietet? Welches sind die wichtigsten Merkmale der Paläographie für linguistische Zwecke?*
- *Welche Normen für Transkription und Publikation handschriftlicher Texte sollten angewendet werden?*
- *Wer arbeitet in diesem Bereich? Ist es möglich, ein Netzwerk von Spezialisten zu schaffen, um Antwort auf Leseschwierigkeiten geben zu können?*

Descobrimentos e utopias: A variedade dos países de língua portuguesa

Esta secção dedicada às disciplinas linguísticas da história da língua e da historiografia linguística pretende reunir os investigadores destas disciplinas aparentemente tão vizinhas mas no mesmo momento tão díspares. Fica, no entanto, óbvio que tanto a disciplina plurissecular da história da língua portuguesa (que pode contar como precursores quinhentistas com Fernão de Oliveira ou Duarte Nunes de Leão) como a disciplina relativamente recente da historiografia linguística (que, depois de ter sido iniciada em 1823 somente passou a estabelecer-se no mundo lusófono a partir dos anos 90 do século XX) partilham as perspetivas das utopias e dos descobrimentos.

Na história da língua, desde o início como mero assunto de interesse particular dos tratadistas de quinhentos, são sobretudo as utopias da origem da língua e do étimo de cada palavra que convivem com as possíveis (ou antes prováveis) realidades, as quais, sobretudo com o advento do método histórico-comparativo, foram sendo adicionadas a este imaginário à medida que se fizeram novas descobertas ou novas conjeturas. É, porém, igualmente utópica a suposição que hoje já não possamos trazer algo de novo a esta disciplina. Será, entre outros assuntos, a análise mais cuidadosa e mais propriamente linguística das fontes documentais que nos permitirá formar um juízo sobre conjeturas dos nossos antepassados, documentadas nos

manuais dos quais ainda hoje mantemos a utopia de serem tão corretos como fidedignos...

A jovem disciplina da historiografia linguística não precisa de lidar com a utopia de um rico passado em que foram feitas 'todas as investigações', pois depara a cada passo com descobrimentos e inovações, uma vez que mesmo o aumento exponencial dos últimos anos não tenha feito com que sequer uma ínfima parte dos tratados metalinguísticos tenha sido estudada. A este manancial de futuros descobrimentos junta-se então a perspectiva da utopia das intensões que levaram os respetivos autores a elaborar as suas obras. Neste sentido, faziam parte do imaginário do gramaticógrafo e do ortógrafo as utopias da norma e da aplicação das obras no ensino, ou mesmo a grande utopia do ensino do vernáculo num tempo de predominância do latim.

Como se vê, nos conceitos da utopia e dos descobrimentos convivem duas disciplinas vizinhas, dedicadas a aspetos diacrónicos da língua, pelo que propomos um intercâmbio no âmbito desta secção. Para além disso, e considerando que esta questão diz respeito ao aspeto material do tema geral da secção, propomos ainda a seguinte

Subsecção: *O papel da documentação manuscrita nos estudos de história da língua e de historiografia linguística*

Nesta subsecção pretendemos estudar, por meio de comunicações ou de mesa redonda, a forma como a documentação manuscrita das bibliotecas e dos arquivos lusófonos é e pode ser útil como fonte ou como corpus para os estudos nas disciplinas linguísticas diacrónicas. Entre muitas outras questões, propõe-se as seguintes temáticas para uma discussão nesta subsecção:

- *Será que a paleografia como antiga disciplina auxiliar da história nos fornece todas as respostas? Quais serão os traços mais importantes da paleografia para fins linguísticos?*
- *Quais as normas de transcrição e de publicação de textos manuscritos que deveriam ser aplicadas?*
- *Quem trabalha nesta área? Será possível criar uma rede de especialistas para casos de dúvidas ou dificuldades de leitura?*